

AMÉRICO FACÓ

Américo Facó — ilustre cearense, falecido na Capital Federal a 3 de Janeiro de 1953, descendia de antigos fazendeiros e agricultores do *hinterland* do Ceará, que, num entrelaçamento de diversas famílias, chegaram aos Queiroz Ferreira dos sítios Bom-Jardim e Lucas de Beberibe, da comarca de Cascavel. O saudoso morto tinha na sua ascendência mais remota, no Bom-Jardim, a Pedro de Queiroz Lima e, no Lucas, a Baltazar Ferreira do Vale, que vindos, respectivamente, dos municípios de Guixadá e de Russas, se estabeleceram no de Cascavel.

Eram primos legítimos pelo lado materno e ali se casaram, respectivamente, com Helena de Lima e Catarina Teixeira que eram também primas legítimas entre si e parentas de seus maridos. Os jovens casais transferiram as suas residências para os prefalados sítios Lucas e Bom-Jardim, onde continuaram a cultivar a estima e cordial amizade de parentes próximos, na segunda e quarta década do XIX século.

No ano de 1843, a 25 de Fevereiro, houve o primeiro casamento entre descendentes de Pedro de Queiroz e Baltazar Ferreira: Francisco, Baltazar Ferreira Facó, filho do segundo, com Maria Adelaide de Queiroz, filha do primeiro, de cujo enlace advieram quasi duas dezenas de filhos. Entre êles houve Gustavo Francisco de Queiroz Facó que, casando-se em 1878, com Francisca Fernandes de Araujo, tiveram, a 21 de outubro de 1885, o sexto filho — Américo de Queiroz Facó.

Américo revelou-se, desde tenra idade, uma grande inteligência de cujo aproveitamento o pai cogitou, sem perda de tempo, mandando-o para a casa da irmã Ana Facó, educadora e escritora, residente em Fortaleza. Américo fez o curso de preparatórios e se tornou notavel jornalista, em oposição ao situacionismo político da época. Foi um dos redatores do "*Jornal do Ceará*", no qual manteve assídua e brilhante colaboração em prosa e verso. Entre outras secções manteve no referido jornal, por anos e diariamente, "*O OLHO DA RUA*", secção apreciadíssima nas rodas de intelectuais da Cidade.

No ano de 1910 transferiu, definitivamente, a sua residência para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até o ano de sua morte. Aí, entregou-se de corpo e alma ao jornalismo ao lado de Alcindo Guanabara, Quirino Bocaiuva e outros mestres do periodismo no Brasil, colaborando, assiduamente, em jornais e revistas cariocas. Em 1937 dirigiu a revista — "ESPELHO" — em que colaboraram as penas mais aparadas da Capital Federal: Tristão de Athayde, Afrânio Peixoto e outros. Ali fez sérios estudos clássicos, em cujos assuntos se tornou mestre apreciavel e organizou vasta e escolhida biblioteca de subido valor.

Aliás Américo Facó já deixava o Ceará armado cavaleiro, no GRÊMIO LETERARIO ROCHA LIMA, tanto que tiveram oportunidade de

escrever sobre êle: "... um parnasiano robusto, de grande faculdade representativa, sabendo combinar admiravelmente a beleza severa da forma com a elevada idealização em que excede o poeta. A poesia de Américo Facó, rica de plasticidade e colorido, evoca a musa incomparavel de Alberto de Oliveira, que impressionou ao poeta cearense".

(Dolor Barreira — "História da Literatura cearense, Vol. II, pag. 179).

Apreciou-o muito bem Agripino Grieco quando disse que Américo escreveu pouco porque refletia muito antes de escrever.

A sua inteligência era de grande ductibilidade, tanto que a idade e a educação clássica não obstaram que êle se inteirasse, admiravelmente, da literatura de "Cobra Norato" de Raul Bopp, escrevendo notavel estudo a que Augusto Frederico Schmidt chamou de *canto da noite*, sem esquecer a sua própria "Poesia Perdida". Na qualidade de chefe da *Secção da Enciclopédia e do Dicionário*, escreveu longa e erudita "Introdução" á Demanda do Santo Graal, do Prof. Augusto Magne. No fim da vida deu á publicidade duas notaveis obras: *Sinfonia Negra* (1946) e *Poesia Perdida* (1951) que foram entusiasticamente recebidas pela crítica brasileira com a circunstância de alguns de seus críticos lhes chamarem a melhor obra do respectivo ano. A Revista da *Academia Cearense de Letras* rende nesta página as suas homenagens a Américo Facó.

XAVIER DE OLIVEIRA

Repercutiu dolorosamente, em todo o país, a notícia da morte, no Rio de Janeiro, a 6 de Fevereiro do corrente ano, do ilustre cearense Dr. Antônio Xavier de Oliveira, que tanto soube honrar as nossas tradições culturais.

Médico, escritor, sociólogo e político, foi relevante a sua ação nas várias modalidades de seu labor intelectual, numa constante demonstração dos seus inconcussos merecimentos.

Nascido a 8 de Outubro de 1892, na cidade cearense de Joazeiro, desde cêdo se deu ao estudo dos problemas brasileiros, penetrando, particularmente, o sentido do banditismo do nordeste cujas causas fixou, num dos seus primeiros livros — *Beatos e Cangaceiros* — como sendo o analfabetismo, a ausencia de justiça, falta de trabalho, exiguidade de salário e politicagem. Fez de sua vida um apostolado da mais nobre campanha cívica, focalizada superiormente em *Redivisão Política e Territorial do Brasil* — considerada uma das mais notaveis publicadas sobre o assunto. Quiz êle,